

Preconceito e Fé

Tradução de Marcelo Herberts

Pergunta:

‘Cientistas da criação partem da crença na veracidade da Bíblia. Isso não os torna preconceituosos em comparação com os outros cientistas, e como eles podem fazer ciência (uma busca pela verdade) se eles reivindicam já possuir a verdade?’

Resposta:

Essa é uma crítica comum, mas perde o foco em vários aspectos. Primeiro, a Bíblia nunca afirmou (nem nós afirmamos) que ela nos fornece verdade *exaustiva*, mas apenas afirma que aquilo que ensina *é* a verdade. Há um vasto campo para a prática da ciência genuína nos limites da estrutura bíblica. Muitas e diversas hipóteses podem ser elaboradas e testadas. É prontamente admitido, no entanto, que a verdade da estrutura em si, no sentido mais amplo, não é negociável.¹

Por exemplo, a Bíblia claramente ensina que houve um Dilúvio global. Isso define limites sobre os modelos que podem ser considerados quando se discute a história do homem e do mundo. Isso significa que não há liberdade intelectual ou acadêmica? Não. Os pesquisadores são livres para concluir que a evidência aponta para o fato de não ter havido esse Dilúvio, mas agindo assim, não estariam mais envolvidos na ciência da criação. Eles teriam mudado sua pressuposição, seu conjunto inicial de suposições.

No entanto, aqueles que fizeram essa mudança não teriam ido de uma posição ‘preconceituosa’ a uma ‘não-preconceituosa’. Eles apenas mudaram o seu preconceito – foram de um sistema de crença que aceita a Bíblia como Palavra de Deus para um sistema que não a aceita.

Realmente não existe tal coisa como ciência das origens ‘neutra’.² Porque a Bíblia claramente estabelece que houve um Dilúvio mundial, qualquer posição que assuma até mesmo ‘bem, deixemos em aberto a possibilidade de que ele não houve’ é em si mesma preconceituosa com a reivindicação que a Bíblia faz de ser a própria Palavra de Deus, que ela não pode mentir.

Fatos não falam

Em todo o caso, tem sido há muito reconhecido que a evidência não fala por si só. *Fatos não são entendidos isoladamente: são acomodados dentro de sistemas de crença.* Uma

¹ Não deve ser entendido a partir disso que não existe divergência no entendimento do texto bíblico. Por exemplo, se os 40 dias de chuva no Dilúvio devem ou não ter sido resultado do colapso de um compartimento de vapor pré-diluviano é uma questão aberta à discussão a partir de fundamentos textuais e científicos, não fazendo parte da ‘estrutura não-negociável’ da ciência da criação em si.

² Ver:

http://www.monergismo.com/textos/apologetica/imoralidade_neutralidade_Bahnsen.pdf

http://www.monergismo.com/textos/apologetica/mito-neutralidade-ftal_Rousas-Rushdoony.pdf

http://www.monergismo.com/textos/politica/mito-neutralidade-reconst_demar.pdf

pessoa que muda da ciência da evolução para a ciência da criação (ou vice-versa) pode em cada um dos casos continuar fazendo ciência válida – é apenas o sistema de crença subjacente que mudou.

Tem sido ressaltado que na ciência da evolução também há um conjunto rígido de normas metafísicas. Qualquer alusão à criação original miraculosa é *por definição* descartada do julgamento (veja ‘Ciência: As Regras do Jogo’, *Creation magazine*, Vol. 11 Nº 1, pp. 47–50; N. do T. Também no *Monergismo.com*). A crença que a origem de todas as coisas precisa ter se dado em termos de processos e propriedades agora operantes (i.e., que o mundo poderia fazer por si só) é forçada debaixo de um dogma que não pode ser questionado. Se pode ou não ser mostrado que a criação se ajusta melhor aos fatos do presente é algo nem mesmo considerado como questão legítima.

Portanto, evolucionistas e criacionistas empreendem pesquisa na *fé* que ela irá esclarecer questões notórias acerca do ‘como’ das suas crenças não-negociáveis, e na *esperança* de que essa pesquisa futuramente venha a reforçar essa crença. Quando biólogos evolucionistas debatem entre si acerca dos mecanismos da evolução, sua crença-fé é que essas transformações realmente têm ocorrido – seus esforços sendo apenas de procurar saber *como*, e não *se*.

Fé vs fé

Em outras palavras, preconceito e fé estão presentes em ambos os lados. Nenhuma posição é capaz de trazer provas últimas em quaisquer casos. Você não pode exigir que Deus repita sua criação de seis dias para satisfazer a sua curiosidade científica, mas isso não faz dela incorreta.

Exatamente o mesmo é verdadeiro acerca da macro-evolução. Ninguém pode razoavelmente exigir de um evolucionista que ele prove sua posição fazendo com que um réptil se transforme numa ave exatamente agora (mesmo isso não **provaria** estritamente que tal coisa aconteceu no passado, embora certamente iria aumentar a credibilidade do caso).³ Num sentido, ambas as posições estão fora da esfera da ciência experimental como geralmente entendida.

O choque entre ciência da criação e ciência da evolução não é, portanto, um choque entre ciência e religião, mas entre duas cosmovisões rivais, **ambas** tendo acesso à metodologia e às ferramentas da ciência, e **ambas** contendo elementos de fé e preconceito.

Fonte: www.answersingenesis.org⁴

³ É comum confundir a palavra ‘científico’ com ‘verdade’. Uma declaração pode ser científica, mas falsa. Por exemplo, ‘A água entra em ebulição a 80° C ao nível do mar’ é uma declaração científica, pois é em princípio testável pela observação repetida. No entanto, é falsa. A declaração ‘O sistema solar formou-se a partir de uma nuvem espiral de pó e gás há 4,5 bilhões de anos atrás’, não é testável da mesma forma, e assim está além da ciência experimental. Tal é a declaração ‘Deus criou todas as coisas sobrenaturalmente em seis dias’. Ambas são nesse sentido declarações não-científicas, mas isso por si só não significa que sejam incorretas.

⁴ <http://www.answersingenesis.org/creation/v15/i4/bias.asp>